



REVISIONISMO E NEGACIONISMO HISTÓRICO EM TEMPOS DE YOUTUBE

[Artigo]

Matheus de Moura
e Silva

Sobre os autores:

Matheus de Moura e Silva é graduando em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Atualmente é bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

REVISIONISMO E NEGACIONISMO HISTÓRICO EM TEMPOS DE YOUTUBE

HISTORICAL REVISIONISM AND DENIALISM IN THE ERA OF YOUTUBE

Matheus de Moura e Silva

RESUMO

É notório que, nos últimos anos, uma onda de narrativas que tentam distorcer ou falsificar acontecimentos do passado tem ganhado cada vez mais força por grupos e organizações do espectro político de direita. Nesse contexto, o YouTube se torna uma plataforma utilizada para a divulgação científica extremamente popular, pois condensa uma linguagem audiovisual atrativa e um algoritmo que provoca uma circulação rápida de vídeos e informações. O presente trabalho, portanto, busca explorar a ascensão dessas narrativas, procurando situá-las em um cenário crescente de desvalorização da profissão do historiador. Para isso, serão analisadas a forma e o conteúdo do revisionismo e negacionismo praticados, bem como alguns canais que atuam nesse sentido.

Palavras-chaves: História Pública, Revisionismo, Negacionismo, Youtube

ABSTRACT

It is notorious that, in recent years, a wave of narratives attempting to distort or falsify past events has been gaining increasing strength among right-wing political groups and organizations. In this context, YouTube has become a widely used platform for scientific dissemination, as it condenses an engaging audiovisual language and an algorithm that facilitates the rapid circulation of videos and information. Therefore, this study aims to explore the rise of these narratives, seeking to place them in a growing scenario of devaluation of the historian's profession. To achieve this, we will analyze the form and content of revisionism and denialism, as well as some channels that operate in this direction.

Keywords: Public History, Revisionism, Denialism, YouTube

1. INTRODUÇÃO

A internet tem se consolidado como um ambiente propício para a disseminação de informações em seus mais diversos meios, como blogs, sites e redes sociais. É a internet também que ascendeu nas últimas como um espaço fundamental para as disputas político-ideológico, tendo influenciado inclusive

DATA DE SUBMISSÃO: 16/11/2023
DATA DE APROVAÇÃO: 16/12/2023

em eleições, principalmente ao desempenhar um papel crucial na formação da consciência social e política de seus usuários. Como resultado, observamos partidos políticos, organizações e empresas investindo em propaganda e anúncios na internet, além de pautar suas campanhas de marketing visando uma popularidade nas redes sociais, a fim de fazer com que suas informações e publicações cheguem de forma massiva e mais rapidamente do que as informações de seus adversários. Um exemplo disso foram as eleições de 2022, quando, até o dia 28 de setembro daquele ano, mais de 147 milhões de reais foram gastos em propaganda eleitoral virtual (CNN, 2022).

Dentro desse contexto, o YouTube emerge como um terreno fértil para atingir esses objetivos, uma vez que dispõe de uma imensa popularidade entre os usuários de internet, contendo recursos audiovisuais extremamente atrativos. Os canais na plataforma produzem vídeos meticulosamente elaborados, caracterizados por roteiros estruturados e edições atrativas, resultando frequentemente em milhões de visualizações.

Não era raro ler de usuários da plataforma que o Youtube em poucos anos substituiria a televisão como principal meio de comunicação. Não foi o que aconteceu. Entretanto, não é errado dizer que hoje a plataforma alcançou um nível de influência similar aos meios televisivos, já que um relatório de 2017 aponta que 95% da população brasileira online acessa o site (TECMUNDO, 2017). Assim, a plataforma chega a se tornar peça-chave de campanha de marketing de políticos, algo que antes era mais limitada aos aparelhos televisivos em seus horários eleitorais. O Youtube acaba por facilitar também a divulgação de conhecimento, tornando livre qualquer pessoa que caso queira fazer.

Em uma radicalização de batalha ideológica que cresceu nos últimos anos, frequentemente dividida entre esquerda e direita, são empregados discursos e narrativas que competem online, cada um com suas respectivas visões. O algoritmo empregado nas plataformas, entre elas o Youtube, provoca um fechamento dos usuários em bolhas, recebendo apenas conteúdo dos posicionamentos que lhes convém, fechados a novas perspectivas críticas, provocando assim uma segregação onde uma certa bolha não reconhece outra (BUCCI, 2019).

Discussões nos comentários, debates em publicações e respostas em vídeo são mais comuns nesse cenário atual, sintomas de problemas que já existiam em meios de comunicação anteriores à internet, mas que foram acentuados e receberam uma nova roupagem com o advento desta (BUCCI, 2021). No entanto, é importante ressaltar que alguns desses discursos encontrados em vídeos na plataforma podem e devem ser analisados criticamente, uma vez que fazem uso de estratégias perniciosas com o objetivo de legitimar suas posições ideológicas.

O presente artigo busca explorar e compreender as causas do conteúdo revisionista e negacionista que é produzido e veiculado na internet, mais especificamente dentro da plataforma YouTube, distorcendo e manipulando acontecimentos do passado para perpetuar posições ideológicas do presente. A fim de analisar a ascensão dessas narrativas, a pesquisa ancora-se em uma revisão bibliográfica de pesquisadores e, principalmente, de historiadores que trabalham e estudam o fenômeno do revisionismo histórico e da história pública nas plataformas de internet. Além disso, o artigo também traça tanto um panorama geral do YouTube como um panorama do conteúdo de História dentro da plataforma. Ao final, será realizado um breve estudo de caso de canais que detêm, em alguns de seus vídeos, as narrativas aqui citadas.

Logo, o artigo terá a seguinte estrutura: primeiro será feito um panorama sobre canais de História dentro do Youtube, logo em seguida será investigado o discurso negacionista e revisionista perpetuado por autores, organizações e grupos políticos de direita. Para por fim, analisar três canais que usam desses discursos em seus vídeos.

2. A HISTÓRIA NO YOUTUBE

O Youtube surgiu em 2005 causando um grande impacto na internet, afinal era uma plataforma onde qualquer pessoa poderia publicar um vídeo e compartilhá-lo para que mais pessoas pudessem ver. O sucesso da plataforma foi imediato, tanto que atualmente produzir vídeos para o Youtube pode ser considerado uma profissão, sendo esse o segundo site mais acessado do mundo (FORBES, 2023).

A importância do YouTube para a divulgação do conhecimento é imensurável. Primeiramente, a acessibilidade é um fator chave. Diferentemente de outros métodos tradicionais de aprendizado, o YouTube permite que qualquer pessoa acesse conteúdos educativos gratuitamente. Isso é particularmente crucial em regiões onde o acesso à educação formal é limitado. Além disso, a diversidade de temas é notável, visto que praticamente todo tópico imaginável encontra espaço no YouTube. Isso cria um ambiente inclusivo, onde pessoas com interesses variados podem encontrar conteúdos específicos para suas necessidades de aprendizado.

A interatividade é outro aspecto fundamental. Os espectadores têm a oportunidade de interagir com os criadores de conteúdo, fazer perguntas e participar de discussões nos comentários. Esse engajamento contribui para uma compreensão mais aprofundada e permite que a aprendizagem seja uma experiência colaborativa.

Com isso, surgiu vários nichos de vídeos no Youtube em todo o mundo, como o da educação e o da ciência, onde se tornou comum a imagem do professor-youtuber ou do pesquisador-youtuber, pois o avanço da tecnologia propiciou que cientistas e professores se deslocassem para plataformas digitais.

Além disso, cada vez mais o YouTube deixa de ser “um site de vídeos” pura e simplesmente para se tornar uma fonte de informação. Isso porque 59% afirmaram ser melhor se atualizar pelo YouTube do que ver notícias, enquanto 31% dos consultados consideram a plataforma uma fonte de aprendizado (TECMUNDO, 2017).

Nesse sentido, os tipos de consumidores desse tipo de conteúdo educacional podem ser divididos principalmente em dois tipos: aqueles que desejam apenas adquirir mais conhecimento e/ou aqueles que estão estudando para conseguir aprovação, como em algum vestibular, por exemplo.

Essa mesma dinâmica observada em campos como Biologia, Física, Geografia e outros, estende-se à disciplina da História, com uma vasta gama de canais dedicados à exploração dessa área do conhecimento. Até a data deste artigo, destacam-se entre os maiores canais do YouTube Brasil que tem uma ênfase maior na História: “Debora Aladim” (3,57 milhões de inscritos), “Buenas Ideias” (1,39 milhões de inscritos), “Foca na História” (1,31 milhões de inscritos), “DGP Mundo” (1,09 milhões de inscritos), “Parabólica” (926 mil inscritos), “Hoje na Segunda Guerra Mundial” (824 mil inscritos), “Impérios AD” (842 mil inscritos), “Vamos falar de História?” (775 mil inscritos), “Sala de guerra” (713 mil inscritos), “Iconografia da História” (627 mil inscritos).

É preciso fazer algumas considerações a respeito dessa breve pesquisa feita. Dos dez principais canais que se dedicam de maneira exclusiva ou em grande parte à divulgação da História, a maioria tem como foco principal as narrativas em torno dos grandes conflitos bélicos que têm marcado a trajetória da humanidade, área que pode ser denominada como História Militar. Exemplos notáveis incluem canais como “Impérios AD”, “Sala de Guerra” e “Hoje na Segunda Guerra Mundial”.

Além disso, pelo menos quatro desses canais são administrados por indivíduos sem formação formal em História. A indefinição sobre os demais se dá por muito dos donos dos canais não aparecerem ou não se identificarem. Um nome de destaque entre esse grupo citado é Eduardo Bueno, criador do canal “Buenas Ideias”. O foco do artigo não é o canal “Buenas Ideias”, já que não contribui para as narrativas perpetuadas pela direita aqui abordadas, entretanto vale algumas ressalvas sobre ele.

Eduardo Bueno é um jornalista gaúcho que ganhou notoriedade nacional ao escrever a “Coleção Brasilis”, composta por quatro livros que tratam da História do Brasil: “A viagem do descobrimento” (1998), “Náufragos, Traficantes e Degredados” (1998), “Capitães do Brasil” (1999) e “A Coroa, a Cruz e a Espada” (2006). Esses livros tornaram-se um grande sucesso, com milhares de vendas. Bueno é frequentemente criticado por narrar os fatos históricos de forma superficial, sem realizar uma problematização dos acontecimentos e das fontes, limitando-se apenas a expor os eventos. A necessidade de escrever dessa forma muitas vezes é justificada por uma demanda do mercado, afinal seus livros são escritos para o grande público. Perguntado sobre o modo como os jornalistas fazem história, ele responde:

Como já falei, o que os jornalistas produzem, em geral, são obras de divulgação. Não se tratam de investigações historiográficas originais. Salvo exceções, não fazem pesquisa de arquivo; não vão às “fontes primárias”, no jargão dos historiadores. Meu trabalho, em especial, sempre foi pautado pelas ferramentas que a minha profissão original proporciona: escrevo livros com um trato jornalístico no texto e um olhar de editor no produto. E essa é uma tarefa do jornalista: como comunicador, tornar um tipo de produção em geral inacessível ao grande público em algo mais palpável. Nesse sentido, dotar o texto histórico de uma narrativa mais fluída; inclusive com a aplicação de técnicas literárias a um texto de não-ficção; é, por que não, uma maneira mais leve e divertida de se ler sobre História do Brasil (sem o compromisso chato de estudá-la ou aprender com ela). Afinal, o passado não precisa ser um fardo, ele também pode ser entretenimento, diversão. Acho que essa é uma forma muito mais libertária de encarar a questão - embora certeza não seja, e muito menos deva ser, a única. (CORREIO BRAZILIENSE, 2010)

Em seus escritos e, conseqüentemente, em seus vídeos, Bueno comete erros típicos daqueles que buscam fazer história sem ter formação na área. Ora, não necessariamente todos aqueles sem formação de historiador serão ruins ao tratar da ciência histórica, e há casos emblemáticos que provam isso. No entanto, existem uma série de parâmetros que os historiadores de formação aprendem e se dedicam com mais afinco, para que erros já refutados dentro da historiografia há décadas não voltem a ser utilizados, como a escrita de uma história sem problematização ou uma história política que privilegie apenas os grandes eventos e os grandes heróis. Dessa forma, aqueles que não são da área tornam-se mais suscetíveis a erros. Jurandir Malerba (2014) sintetiza a obra de Eduardo Bueno da seguinte maneira:

Politicamente, a obra de Bueno é muito conservadora, pois sua narrativa linear não comporta crítica nem análise; por outro lado, sua perspectiva compartilha com a historiografia do século XIX o fato de ser marcadamente eurocêntrica, como quando discute a exploração dos índios ou a mão de obra escrava. (MALERBA, 2014, p. 35)

Paralelamente aos canais dedicados exclusivamente à História, existem também aqueles que, embora abordem outras áreas científicas, reservam espaço para a discussão de tópicos históricos. Essa característica é evidente em canais como Nostalgia, Brasil Paralelo e Nerdologia, que adotam uma abordagem híbrida. Dado que o foco desse segmento não é a História em si, listar os mais destacados seria uma tarefa quase impossível, entretanto, iremos analisar esses três mencionados.

O canal “Nostalgia” é liderado por Felipe Castanhari, em que são abordados temas em vídeos que geralmente ultrapassam uma hora de duração. O youtuber conta com consultoria e roteiro feito por historiadores que são creditados na descrição dos vídeos, onde é possível encontrar também as fontes, algo que não é possível encontrar em vídeos mais antigos. O vídeo sobre a Segunda Guerra Mundial do canal Nostalgia conta com 21 milhões de visualizações, sendo até a data desse artigo o segundo mais acessado do canal.

O canal “Nerdologia”, que acumula uma base de inscritos superior a três milhões, transcende os limites de um domínio específico do conhecimento. A equipe é composta por membros de diversas áreas acadêmicas, incluindo Filipe Figueiredo, formado em História pela Universidade de São Paulo (USP), responsável pela produção de conteúdo histórico organizado em uma playlist específica. Os vídeos geralmente possuem menos de 10 minutos, contando com animações e referências a cultura pop, o que deixa a narrativa mais atrativa.

Por sua vez, o Brasil Paralelo, um canal vinculado ao viés político de direita, alcançou proeminência significativa nos últimos anos devido aos seus documentários que propõem trazer a verdade sobre acontecimentos, oferecendo uma perspectiva alternativa às narrativas hegemônicas que, segundo eles, consistem em versões distorcidas contadas pela esquerda. Para atingir esse objetivo, o canal produz documentários e vídeos que exploram temas históricos. O canal será analisado mais minuciosamente no decorrer do artigo.

3. “DEIXA OS HISTORIADORES PARA LÁ”: REVISIONISMO E A NOVA DIREITA

A frase entre aspas que leva o título dessa seção foi proferida em 2018 pelo então candidato a presidente da República Jair Messias Bolsonaro durante a sabatina ao Jornal Nacional, no momento a apresentadora questionava o candidato se a tomada do poder pelos militares havia sido um golpe ou uma revolução. A afirmação revela um descrédito que a nova direita, em especial, o movimento denominado “bolsonarismo” confere à ciência e, mais especificamente, à história. Com isso, o negacionismo e o revisionismo sobre o passado entram em voga, em busca de legitimar determinados posicionamentos que fazem parte do discurso ideológico desse espectro político.

O passado tem sido e continua a ser objeto de controvérsia. Nesse contexto, uma característica que emerge da crise política que teve início no Brasil em 2013 é a intensificação dos esforços da vertente política de direita em disputar narrativas históricas, visando perpetuar seu domínio no cenário político. Essa disputa frequentemente segue um padrão que busca romper com a denominada “historiografia tradicional”. Como resultado, observa-se uma tentativa sistemática de desvalorizar historiadores acadêmicos e professores, sob a acusação de estarem “doutrinando” e promovendo uma versão distorcida da história.

Um exemplo proeminente e amplamente reconhecido que ilustra esse fenômeno remonta a 2009, mas ganhou maior notoriedade ao longo dos anos, alinhado com a ascensão das ideias de direita. O livro intitulado “O Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil”, de autoria do jornalista Leandro Narloch, desencadeou uma série de reações por parte de historiadores em relação ao seu trabalho. A receptividade significativa do livro foi tal que o levou a ser adaptado em uma série documental pelo canal de televisão “History Channel”. Além disso, o autor lançou continuações seguindo a mesma abordagem, como “Guia Politicamente Incorreto da América Latina” (2011), “Guia Politicamente Incorreto da História do Mundo” (2013), “Guia Politicamente Incorreto da Economia Brasileira” (2015) e “Politicamente Correto: O Guia dos Guias” (2015).

Renato Venâncio, professor da Universidade Federal de Minas Gerais, é um exemplo entre outros de acadêmicos que optaram por contestar as afirmações de Leandro Narloch, tendo escrito uma resenha crítica da principal obra de Narloch. Ao analisar a estratégia empregada por Narloch, o historiador salienta que o autor tem a inclinação de recorrer a obras produzidas por historiadores amplamente reconhecidos para conferir legitimidade:

O que torna ainda mais perversa a iniciativa, pois aproveita a credibilidade dessas fontes para agregar confiança ao texto. Quase sempre o conteúdo da bibliografia utilizada é distorcido para justificar uma interpretação que “choque” o leitor, tal como uma manchete de um jornal sensacionalista. Não sabemos ao certo a intenção do autor. Talvez tenha querido apenas divertir o leitor com afirmações surpreendentes, mas o resultado final é decepcionante.” (VENANCIO, 2018, p. 2)

Se de um lado há alguém destinado a escrever e deturpar os acontecimentos, de outro há uma parcela da sociedade, não necessariamente alinhada aos interesses políticos dos autores, que busca conhecer cada vez mais o passado. Ao analisar a chamada “historiografia comercial” e constatar o livro de Leandro Narloch entre os mais vendidos do ramo de não-ficção, Rodrigo Perez de Oliveira atribui o sucesso dos livros que fazem parte dessa historiografia comercial a qual

o “Guia politicamente incorreto da história do Brasil” faz parte a “capacidade de seus autores em oferecer ao público narrativas de orientação histórica, o que se dá pela mobilização de enunciados de síntese explicativa.” (OLIVEIRA, 2020, p. 64) Logo, “ao abrir um livro que acredita ser de história, o leitor não especializado busca, entre outras coisas, uma boa explicação capaz de iluminar o caos existencial típico de uma sociedade colapsada” (OLIVEIRA, 2020, p. 81).

Assim, além daqueles já entusiasmados e consumidores dos conteúdos desses dispositivos, há aqueles que não são especializados em história. Em momentos em que o passado se torna cada vez mais debatido, há um movimento onde a sociedade brasileira busca cada vez mais conhecê-lo e a direita com seu revisionismo histórico oferece as pessoas uma narrativa dita “contra hegemônica” que supostamente traz a verdade sobre os acontecimentos históricos, mas que visa reforçar o posicionamento do espectro político da direita, como no caso do jornalista Leandro Narloch. Isso só é possível graças a um vácuo de espaço deixado pelos historiadores, portanto “devemos reconhecer que a historiografia acadêmica brasileira ainda tem jogado um papel muito tímido, ao abrir mão da ocupação dos espaços públicos de debate para manter-se confinada nos circuitos fechados da academia.” (MALERBA, 2014, p. 31)

Esse fenômeno é ainda mais perceptível nos canais do Youtube e em seus conteúdos que são produzidos. Dentro desse universo, há temas que aparecem com mais frequência. Entre esses temas, talvez o campeão seja o golpe civil-militar de 1964 e a subsequente ditadura instaurada no Brasil. Ao pesquisar “Ditadura Militar Brasileira” na barra de pesquisa do YouTube, é bem provável que apareçam, entre os primeiros resultados, vídeos que contenham os títulos “A verdade sobre a Ditadura Militar” ou “O que seu professor de História não te contou sobre a Ditadura Militar”.

A narrativa revisionista em relação ao regime militar que se estendeu por 21 anos no país não é uma novidade. Conforme Melo (2013) observou, essa narrativa emergiu no início dos anos 90, tendo sido inaugurada por Argelina Cheibub Figueiredo. O debate acerca da ditadura militar ficou mais evidente ainda e ganhou a opinião pública a partir da instauração da Comissão Nacional da Verdade em 2012. Antes, o revisionismo e, em alguns casos, o negacionismo sobre o período eram restritos aos acadêmicos. Com a ascensão da direita no Brasil, essas discussões alcançaram o grande público, com políticos de direita defendendo o período militar como uma era de progresso que manteve a ordem no país, especialmente em plataformas digitais.

O revisionismo por si só não é um problema, tendo em vista que as ciências constantemente passam por revisões com a chegada de novos argumentos e

pesquisas, a ciência histórica está sempre em movimento. Entretanto, o problema está no modo de fazer essa revisão:

Todavia, nessa reescrita, a possibilidade de que no final se acabe por produzir um conhecimento inferior ao que se pretendia superar está sempre colocada, especialmente quando o que move a produção de uma nova leitura não é mais que produzir uma leitura do passado ideologicamente orientada sob roupagem acadêmica (MELO, 2013, p. 70)

Tendo em vista o aumento de disseminação de tais narrativas revisionistas vale a pena analisar três canais que atuam nesse sentido, fazendo com que essas narrativas cheguem ao grande público disfarçadas de “apartidárias” ou “ideologias políticas”, quando na verdade elas atuam para reforçar um posicionamento ideológico.

4. IMPÉRIOS AD E BRASÃO DE ARMAS

Thiago Braga é o responsável por dois canais de História de grande destaque no YouTube. O canal “Impérios AD” conta com mais 800 mil inscritos e mais de 60 milhões de visualizações em seus vídeos, que se destacam pela inclusão de animações produzidas pelo próprio criador do canal. Já o canal “Brasão de Armas” possui mais de 500 mil inscritos e mais de 26 milhões de visualizações, oferecendo uma abordagem que se concentra nas explicações sem o uso de animações.

A especialidade dos dois canais é a História militar, com foco particular nos períodos da Idade Antiga e Idade Média. É notável que toda a estética visual dos canais é fortemente influenciada por elementos medievais. Contudo, é importante ressaltar que o autor não se restringe exclusivamente a esses períodos históricos, pois também aborda uma ampla gama de temas, incluindo a escravidão moderna, a Revolução Industrial, a Segunda Guerra Mundial, entre outros.

Nos últimos meses, os canais de Thiago Braga alcançaram números extraordinários de visualizações, o que lhes rendeu convites para participar de podcasts conhecidos, como o “Flow Podcast,” “Inteligência Limitada,” e o “Programa Pânico” da Jovem Pan, além de possuir uma coluna regular no jornal “Gazeta do Povo.” Embora o criador do canal afirme buscar imparcialidade, é perceptível que os conteúdos dos canais conduzidos por Thiago Braga podem apresentar narrativas que se alinham com perspectivas defendidas pela direita política.

Os vídeos dos canais de Thiago Braga trazem sempre um sarcasmo e ironia, recursos utilizados pelo mesmo afim de dinamizar os vídeos e se distanciar dos historiadores dito tradicionais. Através desse sarcasmo, é possível ver que em suas animações há o reforço de estereótipos acerca dos professores, vistos

como vilões que distorcem a história, corroborando assim a ideia de que os professores são doutrinadores e que a narrativa que o vídeo traz é a verdade que “eles não querem que você saiba”.

Na onda de revisionismo realizada pela direita, o autor tenta trazer a “verdade” sobre a escravidão em um de seus vídeos intitulado “O tráfico de escravos e a origem da escravidão no Brasil”, transferindo parte da responsabilidade dos europeus pelo tráfico de escravos aos africanos, ditos como complacentes e colaboradores da escravidão. Para comprovar a tese, é lido cartas trocadas entre o reino de Portugal e de Congo a época.

Dessa forma, o autor acaba por trazer velhos erros de uma história positivista, principalmente no tratamento do documento, considerado como verdade absoluta. É possível também afirmar que a história apresentada nos canais ainda é a dos “grandes eventos” e dos “grandes homens”, duramente contestada pela primeira geração de historiadores da Escola dos Annales.

5. BRASIL PARALELO

O “Brasil Paralelo” foi fundado em 2016 na onda de ascensão da direita e produz vídeos de política e história com narrativas alternativas as dominantes, já que essas estariam dominadas de doutrinação. O campo de atuação do “Brasil Paralelo” é bem mais amplo do que os canais citados anteriormente, já que enquanto esses acabam atuando na base do “faça você mesmo”, o “Brasil Paralelo” conta com uma equipe por trás do canal para produzir, editar e roteirizar seus vídeos.

É possível afirmar que a projeção nacional da produtora ocorreu em 2019 com o documentário “1964: O Brasil entre Armas e Livros” que hoje conta com mais de 10 milhões de visualizações no Youtube e que como o próprio nome sugere, conta a história da ditadura militar brasileira, mas a partir de um ponto de vista revisionista e que trata os 21 anos de regime militar no Brasil como necessário, mesmo com os donos da produtora afirmarem que não se trata de uma propaganda ideológica do período.

O documentário, que conta com nomes como William Waack e Olavo de Carvalho, teve sua exibição anunciada na Cinemark com a pré-estreia no dia 31 de março de 2019, aniversário de 55 anos do golpe civil-militar de 1964. Entretanto, após uma enxurrada de críticas, a empresa Cinemark teve que cancelar a exibição e alegou que não sabia do conteúdo político do filme. Políticos, como o Deputado Federal Eduardo Bolsonaro, foram até as redes sociais bradarem contra a decisão do Cinemark.

A produtora conta com uma ampla rede de apoiadores e assinantes que dão suporte financeiro ao canal, ajudando a mantê-lo ativo nesse quesito, além dos cursos que são vendidos em seu site e planos de assinatura que contam com acesso a filmes e produções originais. Isso acarreta um investimento massivo em propaganda como parte de sua estratégia de divulgação. Segundo a Revista Piauí, de agosto de 2020 até a data da publicação da matéria da revista, maio de 2021, o “Brasil Paralelo” gastou mais de 3 milhões de reais em anúncios, com isso “a produtora lidera o ranking produzido pelo Facebook com as páginas que mais fizeram anúncios políticos no Brasil.” (REVISTA PIAUÍ, 2021) O documentário corrobora alguns argumentos já citados anteriormente sobre a Ditadura militar brasileira.

Sobre a “Brasil Paralelo”, o principal artifício utilizado pela produtora é rivalizar com uma narrativa hegemônica construída tanto por pesquisadores e acadêmicos, como por jornalistas e pela imprensa, assim fazendo com que sempre tenha um outro a ser combatido e que os vídeos sejam então responsáveis por trazer a liberdade e a verdade dos fatos. (BONSANTO, 2021).

Enquanto produtora de um tipo específico de narrativas “historiográfico-midiáticas” a empresa se constitui, portanto, a partir de um claro paradoxo: se apropriando do estatuto de verdade que pretende combater, Brasil Paralelo refuta narrativas tidas como hegemônicas, tradicionais e estabelecidas, na tentativa de, a partir delas, atestar sua própria legitimidade. Ainda que suas narrativas contem elementos de forte viés ideológico, com posicionamentos políticos claros, a empresa se coloca em contraposição àquilo que produz, emulando em seus discursos autorreferenciais um ethos típico do jornalismo e da historiografia, baseado sobretudo nos ideais da “isenção”, da “imparcialidade” e da “objetividade”. (BONSANTO, 2021, p. 12)

Apesar de uma relação intrínseca com políticos e discursos da direita, a produtora afirma ser imparcial, afirmando que “o único objetivo da Brasil Paralelo é informar o público produzindo conteúdos totalmente despidos de qualquer ideologia política” (BRASIL PARALELO, 2022). A possível ligação entre a produtora e os políticos de direita ficou mais evidente em 2019 quando a produtora chegou a assinar um contrato com a emissora estatal do Ministério da Educação, TV Escola, para exibir um documentário. Em resposta, a “Brasil Paralelo” afirmou que não possuía vínculo com o governo Bolsonaro, então responsável pela contratação do documentário, e que aceitou a solicitação como aceitaria qualquer outra.

Assim como o documentário “1964: O Brasil entre armas e livros”, outras produções com temas históricos da “Brasil Paralelo” se destacam, podendo ser citados “Brasil: A Última Cruzada (2017)”, “O Dia Depois da Eleição (2018)”, “O Teatro das Tesouras (2018)”, “Era Vargas: o crepúsculo de um ídolo (2018)”, “Pátria

Educadora: A Trilogia (2020)", "O Fim das Nações (2020)", "Os 11 Supremos (2020)", "Cortina de Fumaça (2021)", entre outros que se encontram em seu canal no Youtube e em sua plataforma de streaming.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das faces da nova direita é a disseminação de suas ideias em diversas plataformas como Telegram, WhatsApp e o Youtube, acompanhado de uma disputa pelo passado, o distorcendo para que seus interesses sejam comprovados. É comum encontrar jargões como "a verdade sobre...", "a verdadeira história sobre...", "os professores de História não querem que você saiba". Jargões esses que provam um descrédito da ciência. O revisionismo em si não é ruim dentro das Ciências Humanas e mais especificamente dentro da História, desde que feito com seriedade e métodos científicos bem alinhados, o que não acontece nos casos supracitados aqui, pois o passado é revisado de forma enviesada.

Na análise dos canais, além de uma tentativa de descredibilizar os professores e pesquisadores em seus vídeos, também é possível observar uma prevalência de temas sensíveis que contribuem para corroborar discursos e posições no presente. Um exemplo é o caso da Ditadura civil-militar, que é constantemente revisitado e tratada como um período positivo por parte da direita brasileira.

Apesar dos pontos negativos, nem tudo está perdido. Em 2020, foi sancionada a regulamentação da profissão de historiador pelo então presidente Jair Bolsonaro que, em um primeiro momento havia vetado o projeto, mas teve que voltar atrás após derrubada do veto pela Câmara. Esse é um passo importante para que a ciência histórica seja levada mais a sério. Além disso, já há um movimento de canais no Youtube que produzem ótimos vídeos sobre História e muitas vezes vídeos rebatendo ideias negacionistas que rodeiam pelo Youtube, como é o caso do canal "Laura Sabino" e do "Leitura Obrigatória" de Icles Rodrigues, Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.

A pesquisa aqui feita possibilitou chegar à algumas conclusões. O vácuo deixado pelos historiadores nos ambientes digitais em um contexto em que a demanda pelo passado se torna cada vez mais emergente, somada a um descrédito desses profissionais por conta de narrativas políticas, resultam na popularização de discursos que falsificam o passado nas plataformas digitais. Por isso, urge a importância de os historiadores ocuparem cada vez mais esse tipo de espaço, não se limitando ao ambiente acadêmico. Nas últimas décadas, a ciência passou a ser produzida também fora da academia e o historiador deve estar atento às mudanças.

REFERÊNCIAS

BONSANTO, André. Narrativas “historiográfico-midiáticas” na era da pós-verdade: um olhar sobre o revisionismo histórico para além das fake news. **Liinc em Revista**, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 1-18, 2 jun. 2021. Liinc em Revista. <http://dx.doi.org/10.18617/liinc.v17i1.5631>.

BRASIL PARALELO. **A Brasil Paralelo é uma farsa? A descrição na Wikipédia diz que sim**. 2022. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/brasil-paralelo>. Acesso em: 19 set. 2023.

BUCCI, Eugênio. **Existe democracia sem verdade factual?** Barueri/ SP: Estação das Letras e Cores, 2019.

_____. **A superindústria do imaginário**. Como o capital transformou ou olhar em trabalho e se apropriou de tudo o que é visível. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CNN. **Candidatos gastaram mais de R\$ 147 milhões em impulsionamento na internet**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/candidatos-gastaram-mais-de-147-milhoes-em-impulsionamento-na-internet/>. Acesso em: 05 jan. 2024.

CORREIO BRAZILIENSE. **Em livros de sucesso, historiadores e jornalistas travam guerra sobre o país**. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2010/10/28/interna_diversao_arte,220285/em-livros-de-sucesso-historiadores-e-jornalistas-travam-guerra-sobre-o-pais.shtml. Acesso em: 25 nov. 2023.

FORBES. **Brasil é o terceiro país com mais usuários do YouTube em 2023**. Disponível em: Brasil é o terceiro país com mais usuários do YouTube em 2023 Leia mais em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/05/brasil-e-o-terceiro-pais-com-mais-usuarios-do-youtube-em-2023/>. Acesso em: 06 jan. 2024.

G1 GLOBO. **Jair Bolsonaro (PSL) é entrevistado no Jornal Nacional**. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/08/28/jair-bolsonaro-psl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>. Acesso em: 25 out. 2023.

IMPÉRIOS AD. **O Tráfico de Escravos e a Origem da Escravidão no Brasil**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4dL_aBQeWHs&t=1s. Acesso em: 12 out. 2023.

MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre public history. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, [S.L.], v. 7, n. 15, p. 27-50, 8 maio 2014. Sociedade Brasileira de Teoria e História de Historiografia. <http://dx.doi.org/10.15848/hh.v0i15.692>.

MELO, Demian Bezerra de. Revisão e revisionismo historiográfico: os embates sobre o passado e as disputas políticas contemporâneas. **Marx e O Marxismo**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 49-74, dez. 2013.

OLIVEIRA, Rodrigo Perez. Por que vendem tanto? O consumo de historiografia comercial no Brasil em tempos de crise (2013-2019). **Revista Transversos**, [S.L.], n. 18, p. 87-107, 27 abr. 2020. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/transversos.2020.49519>.

REVISTA PIAUÍ. **No Facebook, Brasil Paralelo é recordista de gastos com propaganda política**. 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/no-facebook-brasil-paralelo-e-recordista-de-gastos-com-propaganda-politica/>. Acesso em: 20 set. 2023.

TECMUNDO. **YouTube é acessado por 95% população online brasileira, mostra relatório**. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/119776-youtube-insights-brasil.htm>. Acesso em: 05 jan. 2024.

UOL. **Filho de Bolsonaro divulga documentário que defende a ditadura**. 2019. Disponível em: <https://reinaldoazevedo.blogosfera.uol.com.br/2019/02/06/filho-de-bolsonaro-divulga-documentario-que-defende-a-ditadura/>. Acesso em: 20 set. 2023.

VENANCIO, Renato. **O Incorreto no Guia politicamente incorreto da história do Brasil**. 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/36354688/O_Incorreto_no_Guia_politicamente_incorreto_da_hist%C3%B3ria_do_Brasil. Acesso em: 12 set. 2023.

YOUTUBE. **Brasil Paralelo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/@brasilparalelo>. Acesso em: 19 set. 2023.

YOUTUBE. **Brasão de Armas**. Disponível em: <https://www.youtube.com/@BrasaodeArmas>. Acesso em: 25 out. 2023.

YOUTUBE. Impérios AD. Disponível em: <https://www.youtube.com/@ImperiosAD>. Acesso em: 25 out. 2023.